

# A SECA DO NORDESTE, AS PRÁTICAS MIGRATÓRIAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NA MUSICOGRAFIA DE JACKSON DO PANDEIRO<sup>1</sup>

## THE NORTHEAST DROUGHT, THE MIGRATORY PRACTICES AND THEIR REPRESENTATIONS IN JACKSON PANDEIRO MUSICOGRAPHY

74

Glauber Paiva da Silva

*glauber.historia55@gmail.com*

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Recife - Pernambuco - Brasil

Submetido em 23 de julho de 2019

Aceito em 24 de setembro de 2019

### Resumo

Diversos artistas tentaram em suas obras representar a região Nordeste em suas mais diferentes práticas, imagens e memórias. Na música, por exemplo, encontramos diversos repertórios musicais de cantores que deram voz a tal diversidade nordestina. Um deles foi o cantor popular Jackson do Pandeiro (1919-1982) que dentre várias temáticas presente em seu repertório também cantou a cultura nordestina. Nossa pesquisa tem como principal objetivo observar as representações de seca e migração inseridas na musicografia de Jackson do Pandeiro para contextualizar como as secas sempre estiveram presentes na região Nordeste do Brasil trazendo por consequência as diversas práticas migratórias para as capitais dos estados ou para outros estados brasileiros. Para respaldar teoricamente essa empreitada, dialogamos com algumas pesquisas que nos ajudaram a conceber este trabalho, como as de Villa (2000) e Ab'Sáber (1999). Como percurso metodológico analisamos diversas músicas, para, minuciosamente, adentrarmos no repertório “jacksoniano” que é nossa principal fonte e articularmos nossas discussões acerca das representações na musicografia de Jackson do Pandeiro, a seca do Nordeste e as práticas migratórias. Acreditamos que esta pesquisa servirá para demonstrar a importância de Jackson do Pandeiro para a música popular brasileira e para entendermos representações e visões de práticas culturais do Nordeste.

**Palavras-Chave:** Migrações; Seca; Práticas e Representações Espaciais; Música.

---

<sup>1</sup> Esse artigo é um fragmento da dissertação de mestrado do autor, com algumas reestruturas para atender as especificações da revista.

## Abstract

Several artists attempted to represent in their works the Northeast region in its most different practices, images and memories. In music, for instance, we find several musical repertoires of singers who gave voice to such Northeastern diversity. One of them was the popular singer Jackson do Pandeiro (1919-1982), who among various themes present in his repertoire also sang the Northeastern culture. Our research has as main objective to observe the drought representations and migration inserted of Jackson do Pandeiro's musicography to contextualize how the droughts were always present in Brazil's Northeastern region bringing consequently the diverse migratory practices for state capitals or other Brazilian states. To theoretically support this endeavor, we dialogued with some researches that helped us to conceive this work, such as Villa (2000) and Ab'Sáber (1999). As a methodological path we analyze several songs, to, minutely, enter the "Jacksoniano" repertoire which is our main source and we articulate our discussions about the representations in the Jackson do Pandeiro's musicography, the Northeast's drought and the migratory practices. We believe that this research will serve to demonstrate the importance of Jackson do Pandeiro for popular Brazilian music and to understand representations and visions of cultural practices in the Northeast.

**Keywords:** Migrations; Drought; Spatial Practices and Representations; Music.

## Introdução

Os fatores climáticos do Nordeste sempre foram um desafio para quem viveu na região. Os longos períodos de seca não favoreciam o cultivo da agricultura, nem muito menos a criação de gado. Esses problemas interferiam na qualidade de vida, principalmente dos sertanejos que viviam distante das capitais dos estados nordestinos. Eles sobreviviam período após período e quando não observavam mais saída para tais problemas, migravam tanto para as capitais quanto para o eixo Rio-São Paulo.

Com a triste partida do meio em que viviam, os sertanejos abandonavam suas terras, suas casas e até mesmo a parentela e rumavam no seu êxodo em busca de dias melhores em que não apenas sobrevivessem, mas realmente vivessem e vivessem com qualidade. Os grandes núcleos da sociedade pareciam ser os locais propícios para isso, já que os governantes não se inclinavam para resolver tais problemas. Assim, chegavam às cidades sem muita coisa, buscando trabalho e um local para se estabelecer, mas trazia em suas malas a esperança de um dia pode voltar a sua terra natal.

Grandes autores trataram sobre a temática da seca no Nordeste e clássicos da literatura brasileira representaram os problemas dos nordestinos. Livros como *A Bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida, *O Quinze* (1930) de Rachel de Queiroz, *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, *Morte e Vida Severina* (1955) de João Cabral de Melo Neto, entre vários outros. Na música também não é diferente! Muitos cantores e compositores trataram sobre a temática, sendo a figura e as músicas de Luiz Gonzaga as que mais ganharam repercussão em todo o país. Sem dúvidas, *Asa Branca* (1947) do Rei do Baião se tornou um hino de resistência e esperança para os nordestinos e principalmente para os sertanejos que sofriam com a seca ferrenha. São nesses diversos meios que a prática da migração é representada. Evidentemente, que outros cantores tal como Jackson do Pandeiro também cantaram sobre esses problemas.

Jackson do Pandeiro foi um cantor popular nascido na cidade de Alagoa Grande no interior da Paraíba que fez muito sucesso no século XX. Conhecido como o Rei do Ritmo, alcançou sucesso na cidade de Recife e posteriormente em todo o Brasil, cantando os ritmos nordestinos e causos populares. Assim, por meio de suas músicas<sup>2</sup> em diversos LP's gravados, observaremos as representações da seca e da prática migratória feitas pelo cantor e seus compositores tentando articular e contextualizar com as várias secas ocorridas na região Nordeste do Brasil e os movimentos migratórios ocorridos.

No ano em que comemoramos o centenário de Jackson do Pandeiro, acreditamos que seja necessário reiterarmos a importância da sua vasta discografia, visto que, muitas vezes o que pode ser visto é o total desconhecimento da vida e obra de um dos mais célebres cantores populares. Perpassando uma diversidade de temáticas, que discorrem acerca de festejos, manifestações e sabedorias populares, superstições e crenças religiosas, religião afro-brasileira e gênero, temos uma grande quantidade de músicas que tocam em discussões relevantes e que ficam relegadas ao esquecimento. Justificando-se assim a necessidade de retornarmos para sua discografia que pode ser relacionada as reflexões das ciências sociais.

---

<sup>2</sup> Em nossa análise destacaremos não apenas músicas que Jackson do Pandeiro compôs, mas várias que o cantor se dispôs a interpretar de outros compositores, entendendo que o cantor acreditava no que estava inserido em seu repertório. Outro detalhe que deve ser mencionado é que as composições de Jackson do Pandeiro aparecem com diversos nomes de registro. Dessa maneira, encontraremos canções registradas pelo nome Jackson do Pandeiro, por José Gomes e pelo nome de batismo, José Gomes Filho, sendo os 3 registros feitos pelo cantor.

Nosso trabalho envolvendo o diálogo entre história e música é feito a partir de conceitos que nos ajudam nessa empreitada, como as de prática e representação com Chartier (1991), por exemplo, em concomitância com a contribuição da Análise de Discurso de linha francesa realizada por Ferreira (2003). Metodologicamente analisaremos seis músicas do repertório de Jackson do Pandeiro para articularmos as ideias de seca, migração e Nordeste na história brasileira.

É necessário compreender que o Nordeste cantado por Jackson do Pandeiro não é o real, mas uma representação do mesmo. Temos que nos atentar que a representação feita por Jackson do Pandeiro em suas músicas é fruto das diversas representações do Nordeste uno, e muitas vezes homogêneo, que era tão natural nas letras das canções dos intérpretes nordestinos no período em que a música do Nordeste se tornou sucesso no país.

## A Fuga da Seca e a Saudade da Terra

### **Lá Vai a Boiada<sup>3</sup>**

Lá vai a boiada  
Roendo a poeira  
Batendo o chocalho  
Roendo os galhos da catingueira  
Não há uma sombra  
A fonte secou  
A nuvem não move  
A chuva não chove  
Tudo esturricou

Na estrada só se vê chifre e ossada  
É resto de outra boiada  
Que ali morreu e ficou  
E o boiadeiro animando sem parava  
E aboiando, aboiando  
Cantando pra não chorar  
Ê boi, ê boi, ê, a..

(Manoel Pedro e Jackson do Pandeiro, 1967)

<sup>3</sup>PANDEIRO, Jackson do. Lá Vai a Boiada. São Paulo: Cantagalo, 1967. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jackson-do-pandeiro/1862584/>. Acesso em: 28 de Junho de 2018.

Disponível em:

O Rei do Ritmo dedicou algumas músicas do seu repertório para tratar do tema que é tão delicado para quem vive no Nordeste brasileiro, principalmente nas áreas mais afetadas. Ele representa o sofrimento do sertanejo com diversos elementos que podemos observar na música: “Lá vai a boiada/ Roendo a poeira/ Batendo o chocalho/ Roendo os galhos da catingueira/ Não há uma sombra/ A fonte secou”. A seca é tamanha que o gado busca alimento nos galhos da catingueira. Não existe mais pasto, pois a fonte secou. A situação é tão crítica que outros animais já morreram e que a esperança do boiadeiro se tornou tão seca quanto a terra em que ele vive: “Na estrada só se vê chifre e ossada/ É resto de outra boiada/ Que ali morreu e ficou/ E o boiadeiro animando sem parava/ E aboiando, aboiando/ Cantando pra não chorar”.

A prática da migração se tornou algo normal para os nordestinos, principalmente para os sertanejos, que longe da capital buscavam melhores condições de vida. Contudo, a migração não é causa comum apenas dos nordestinos, mas da humanidade. Segundo Singer (1973), as migrações estão relacionadas a um fenômeno social historicamente condicionadas, ou seja, existiriam condições para tal prática. Tais fluxos migratórios estão relacionados com busca por mão-de-obra, conflitos armados, perseguições e causas naturais que é o caso dos nordestinos.

De acordo com Carvalho (2008):

São muitos os contextos e razões que podem desencadear fluxos de migração entre países e regiões. Hoje assistimos a um número cada vez maior de deslocamentos de pessoas entre diferentes regiões. Condição favorecida pela globalização recente. A migração ocorre tanto entre países quanto de forma regional. Em países de dimensões continentais como o Brasil, a migração interna ganha importância. O Brasil não vive uma situação como a do México, que, devido à fronteira com os Estados Unidos, apresenta migração internacional expressiva. No entanto, a migração regional é, em termos econômicos e numéricos, bastante relevante. Poderia parecer que esse tipo de migração não tem o mesmo impacto psicológico sobre os migrantes, uma vez que migrar dentro de um mesmo país, de forma legal, e sem os aspectos de uma migração para o estrangeiro seria muito mais difícil. Suspeitamos que não. Independente da distância, a migração talvez tenha um impacto forte na vida de qualquer um [...] Ao migrar uma pessoa ou grupo familiar têm sua vida radicalmente transformada. Trata-se de um momento crítico, que, frequentemente, inaugura uma nova etapa da vida [...] Trata-se de um luto por tudo aquilo que ele deixou para trás: parentes, amigos, paisagens, cheiros, gostos, sons. Sua identidade está em jogo. (CARVALHO, 2008, p.10-11)

Assim, independente da origem do sujeito, o migrante seria aquele que sai do seu local de origem em busca de desejos, sonhos ou por melhores condições de vida. De fato, essa mudança de espaço interfere em sua vida no momento em que ele retira seus pés do seu local de origem, pois de acordo com Martins (1986, p.45): “Migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais.”

Se hoje temos a migração como algo comum, principalmente por influência da globalização e do mercado de trabalho, entendemos que há muitos séculos isso ocorre, e não necessariamente de maneira tranquila e fácil como em nossos dias. Um exemplo disto está nas grandes navegações e na colonização ocorridos em séculos passados.

O Brasil como também os Estados Unidos são exemplos de países que cresceram em meio à migração. Sendo considerados local de esperança e de grandes oportunidades, muitos europeus e até japoneses migraram para o Brasil em busca do sonho de riqueza e de melhores qualidades de vida. De acordo com Singer (1974) três fatores são preponderantes para a imigração dos estrangeiros para o Brasil, sendo esses o aumento populacional causado pelo capitalismo, os interesses capitalistas na colonização de áreas de países “novos” e a necessidade de diversificação de sistemas produtivos. Para além dos motivos externos da imigração brasileira, havia também a necessidade de branqueamento da população por parte do Estado como fator interno importante para aceitação de tal imigração estrangeira, como nos revela Paiva (2004):

[...] grande parte da população brasileira era de origem miscigenada: uma sociedade híbrida, composta de mestiços, negros e brancos não configurava a estabilidade que, se supunha, era peculiar às sociedades homogêneas [...]. A imigração europeia [...] também era vista como caminho para colocar o Brasil no padrão eugênico dos países considerados avançados. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento econômico paulista, capitaneado pela cafeicultura, foi associado ao resultado concreto do esforço do trabalhador imigrante. As elites locais construíram uma imagem de São Paulo como pátria dos italianos, espanhóis, portugueses, alemães... Reedita-se no plano regional uma noção de superioridade frente às outras regiões do país. (PAIVA, 2004, p. 232)

Temos também como grandes exemplos migratórios dentro do Brasil os êxodos por parte dos nordestinos, com a construção e povoamento de Brasília idealizada por Juscelino Kubitschek que tinha como meta promover a interiorização e infraestrutura para o Centro-Oeste. Na década

de 50 do século XX, com a expansão industrial e a necessidade de mão-de-obra também temos um grande movimento migratório para a região Sudeste do país, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro. E também pode-se perceber a migração para o Norte quando ocorre o ciclo da borracha.

Em todos esses períodos mencionados temos o nordestino como protagonista da migração. Evidentemente que muitas outras pessoas do país também o faziam, mas a prática da migração serviu bem ao sertanejo nordestino. O fator climático em conjunto de melhores condições de vida parecem ser a causa preponderante para a migração do povo do Nordeste, mas também temos a construção acerca das imagens da região sendo outro fator para isso, tal como reflete Paiva (2004).

### 1.1 As Secas do Nordeste e suas Principais Causas e Consequências

Mas porque o nordestino sofre com essas calamidades? O Nordeste seco tem uma área de 700 mil km<sup>2</sup>, onde vivem 23 milhões de nordestinos, sendo uma das regiões semiáridas mais povoadas entre as terras secas existentes nos trópicos. Segundo Ab'Sáber (1999), existem apenas três áreas assim na América do Sul:

Existem na América do Sul três grandes áreas semi-áridas: a região Guajira, na Venezuela e na Colômbia; a diagonal seca do Cone Sul, que envolve muitas nuances de aridez ao longo de Argentina, Chile e Equador; e, por fim, o Nordeste seco do Brasil, província fitogeográfica das caatingas, onde dominam temperaturas médias anuais muito elevadas e constantes. Os atributos que dão similitude às regiões semi-áridas são sempre de origem climática, hídrica e fitogeográfica: baixos níveis de umidade, escassez de chuvas anuais, irregularidade no ritmo das precipitações ao longo dos anos; prolongados períodos de carência hídrica; solos problemáticos tanto do ponto de vista físico quanto do geoquímico (solos parcialmente salinos, solos carbonáticos) e ausência de rios perenes, sobretudo no que se refere às drenagens autóctones. (AB'SÁBER, 1999, p.7)

O Nordeste com seu comportamento de região subdesértica tem duas estações bem marcadas sendo uma muito seca e outra moderadamente chuvosa. Contudo, a inconstância e as grandes rupturas de estações podem ocasionar grandes períodos de seca, como também chuvas fortes que causam inundações. Normalmente as secas prolongadas ocorrem de 12 em 12 anos mesmo com irregularidade de duração. De acordo com Ab'sáber (1999):

[...] a tipologia das irregularidades climáticas, que afetam um espaço total da ordem de 700 mil km<sup>2</sup> e milhões de sertanejos distribuídos um pouco por toda a parte, tem uma prioridade essencial. O clima semi-árido – sempre quente – dos sertões secos caracteriza-se por fortes irregularidades na chegada das chuvas de verão, tão esperadas para a economia agrária quanto para a amenização do calor e da secura. Daí a denominação de *inverno* para uma estação que acontece no verão, de novembro a maio. O volume total das precipitações é extremamente irregular, atingindo médias de 400 a 600 mm, sob uma temperatura de 27 a 28o. Os anos mais chuvosos são considerados *anos bons* ou regulares. Entre eles, porém, ocorrem anos adversos, com sensível demora na chegada das chuvas e restauração da correnteza dos rios e riachos sertanejos. Desse fato decorrem secas ora mais, ora menos demoradas, sazonárias e irregulares no conjunto dos sertões. Entretanto, são secas prolongadas ocorridas entre nove e nove anos, até 12 e 12 anos, aquelas que ocasionam as maiores perturbações sociais e econômicas (AB’SÁBER, 1999, p.34)

O problema das secas pode ser visto na contemporaneidade, onde muitas cidades de Pernambuco, da Paraíba e do Rio Grande do Norte sofrem com um período longo de estiagem. Mesmo com o passar dos séculos tal problema persiste principalmente por ausência de políticas públicas efetivas no combate para essas decorrências.

Mas este problema com a seca já podia ser observado desde o período colonial do Brasil. O primeiro registro foi feito em 1552 pelos portugueses quando relataram que fazia quatro ou cinco anos que em Pernambuco não chovia. Isto ocorreu apenas três anos depois do Governador-Geral Tomé de Souza chegar ao Brasil. O Jesuíta Fernão Cardim descreveu também com muitos detalhes a seca de 1583 onde as fazendas de canaviais e mandioca secaram e conseqüentemente houve muita fome, principalmente dos índios no sertão de Pernambuco (VILLA, 2000).

Segundo o *Centro de Estudos e Pesquisa em Engenharia e Defesa Civil* (CEPED, 2015) a seca de 1583-1585 foi tamanha que em torno de 5 mil índios se deslocaram do sertão do Rio Grande do Norte e de Pernambuco para o litoral em busca de comida.

Já no século XVII ocorreram cinco grandes secas registradas na Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, sendo elas em 1603, 1605-1607, 1614, 1652 e 1692. Por conta destas secas, houve muitos conflitos entre portugueses e índios, trazendo prejuízos de rebanhos e muita fome (VILLA, 2000).

Na seca de 1692 que atingiu a Paraíba e o Rio Grande do Norte, grupos de indígenas se uniram e invadiram fazendas em busca de alimentação. Já as pessoas que não tinham os meios de

se alimentar, migraram para outros locais, sendo Minas Gerais um dos locais escolhidos por conta da mineração de ouro (CEPED, 2015)

De igual modo, no século XVIII temos registros de mais sete grandes secas ocorrendo em: 1710-1711, 1721, 1723-1727, 1736-1737, 1745-1746, 1777-1778 e 1791-1793. Esses períodos foram mais calamitosos do que as secas do século passado por conta do crescimento populacional e da atividade da pecuária que fazia parte dos sertões nordestinos (VILLA, 2000).

A seca que vai até o ano de 1727 atingiu os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, dizimou boa parte dos gados da região, secando rios e fontes. A de 1790 além de também matar o gado, causou escassez da carne seca. Foi criado neste período a Pia Sociedade Agrícola que se tornou a primeira organização de caráter administrativo para dar assistência aos flagelados, visto a grande quantidade de homens, mulheres e crianças pedintes e doentes principalmente de varíola (CEPED, 2015).

De acordo com Villa (2000):

Somente em Pernambuco morreu um terço da população da capitania. Uma descrição feita no calor da hora relatou que “muitas pessoas, famílias inteiras, que não puderam emigrar a tempo foram encontradas mortas pelos caminhos e casas”. A seca foi acompanhada também de uma epidemia de bexiga que devastou ainda mais as capitanias: só no Ceará as perdas alcançaram mais de 30 mil habitantes. As sucessivas secas enfraqueceram o processo de ocupação do sertão. (VILLA, 2000, p.21)

Em 1824-1825, e já após a independência, novamente a seca causa transtornos aos sertões do Nordeste. Com casos de varíola e muitos flagelados. A fome também adentrou os engenhos de açúcar do Nordeste. Contudo, o pior ainda estava por vir: a grande seca, como ficaria conhecida a estiagem que mais causou problemas no século XIX (SILVA et al, 2013).

Uma música de Jackson do Pandeiro que pode descrever um pouco do sofrimento que foi a grande seca é *Retirante*:

#### **Retirante<sup>4</sup>**

Lá vai o retirante levando o boi e aflição  
Lá vai o retirante deixando o seu sertão (2x)

Acabou-se o que ele tinha

<sup>4</sup> PANDEIRO, Jackson. Retirante. São Paulo: Tropicana, 1976. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jackson-do-pandeiro/retirante/>. Acesso em: 28 de Junho de 2018.

Vão atrás do que comer  
Só nos olhos, a água vinha  
Que é sinal do seu sofrer  
Só nos olhos, a água vinha  
Que é sinal do seu sofrer

Mesmo triste vão cantando  
Em busca de um mundo incerto  
De um a um forma-se um bando  
Deixando o sertão deserto  
De um a um forma-se um bando  
Deixando o sertão deserto

A esperança de voltar  
Ninguém sabe quando vem  
Se chover e o sertão florar  
Voltão com os seus terem (2x)  
**(Nivaldo Lima e Manoel Pedro, 1976)**

A grande seca de 1877 ocasionou a fome e a falta d'água: "Acabou-se o que ele tinha/ Vão atrás do que comer/ Só nos olhos, a água vinha/ Que é sinal do seu sofrer" e mais que isso, os movimentos migratórios que já ocorriam durante as últimas secas, aumentaram! O êxodo para capitais, como Fortaleza, e até mesmo para o Amazonas acontecem. Os retirantes se unem e vão tentar ganhar a vida em locais que trariam uma qualidade de vida melhor: "Mesmo triste vão cantando/ Em busca de um mundo incerto/ De um a um forma-se um bando/ Deixando o sertão deserto"

Entre 1877 e 1899 nos sertões de diversos estados do Nordeste houve a perda de plantações, morte de rebanhos e extrema miséria. A prática da migração para muitos foi à solução encontrada para sobreviver a esse período calamitoso:

O Nordeste seco segue tendo muito mais gente do que as relações de produção ali imperantes podem suportar. As secas espasmódicas que assolam a região criam discontinuidades forçadas na produção rural e conduzem a um desemprego maciço dos que não têm acesso à terra, relegando-os à condição potencial de retirantes [...] Alta fertilidade humana, forte seleção biológica e ausência de oportunidades de emprego para os sem-terra teriam que ocasionar o apelo à migração, numa desesperada luta pela sobrevivência. Assim, a grande região seca brasileira passou a ter o papel histórico de fornecer mão-de-obra barata para quase todas as outras regiões detentoras de algum potencial de emprego. Nordestinos de todos os recantos mobilizaram-se nas mais variadas direções, seguindo a vaga de cada época. (AB'SÁBER, 1999, p.26 -27)

Os retirantes fugindo dos problemas ocasionados pela seca buscavam cidades maiores do sertão que serviam como entreposto comercial. Até mesmo pequenos e médios proprietários foram afetados e muitos abandonaram suas terras, reuniram o que lhe restava, trocaram seus escravos por alimentos e migraram. Eles se juntavam a grande massa que fugia da seca, vindas por exemplos, de Icó, Quixadá e Quixeramobim para Fortaleza:

Estima-se que em poucas semanas, 50 mil retirantes chegaram a Fortaleza, além de milhares em outras cidades. Ao mesmo tempo que aumentava o número de pessoas, também aumentavam as doenças. Doenças como a hemeralopia ou cegueira noturna por conta da fraqueza do organismo e muitas outras como a cólera, a varíola e febre amarela se espalhavam em meio aos flagelados que chegavam. Até mesmo as aves migraram para o litoral neste período (VILLA, 2000).

Apesar de muitas pessoas do Ceará migrarem para a sua capital Fortaleza, também temos dados de migrações para outros locais. De acordo com Silva et al (2013, p.287): “O Ceará, por exemplo, tinha na época uma população de 800 mil habitantes. Destes, 120 mil (ou 15%) migraram para a Amazônia e 68 mil pessoas foram para outros estados. ”

Neste período, o imperador teve sua imagem aos poucos desgastada durante toda a grande seca, principalmente por conta das suas diversas viagens ao longo do mundo. Só retornou ao Brasil quando a seca tinha se tornado uma grande calamidade em 26 de setembro de 1877. Assim, a imprensa fez duras críticas ao imperador durante o ano, sendo uma delas a de que Dom Pedro II desembarcou em Salvador e seguiu para o Rio de Janeiro para participar de festejos em prol de arrecadação de fundos para flagelados, ao invés de ficar no Norte (VILLA, 2000).

Em 1878, o imperador ainda persistia no Rio de Janeiro, relatando impossibilidade de partir para o Norte por conta das suas ocupações habituais. Contudo, o imperador agiu, mandando ajuda à região e revogou a suspensão momentânea de recursos para os flagelados. Por essas e outras que se criou a lenda que o imperador teria dito que venderia até as joias da coroa em prol dos flagelados (VILLA, 2000).

Em 1915 tivemos outra seca bastante complicada. Inspiração para o livro *O Quinze* de Rachel de Queiroz, provavelmente está seca também inspirou alguns dos compositores das músicas de Jackson do Pandeiro que já poderiam ter nascido nesta década e vivenciado alguns

acontecimentos. Mesmo com a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS) em 1909, os problemas relacionados à seca continuavam.

Uma grande seca atingiu a região semiárida nordestina, sendo noticiada pela imprensa paulista muito depois do problema ter alcançado grandes proporções. Em março, o Ceará já estava com a economia em baixa com 50% do rebanho perdido e quase 100% da produção agrícola da mesma maneira. A migração retornou e as cidades mais desenvolvidas novamente começaram a ficar abarrotadas. No Piauí, de igual modo, os retirantes sertanejos saíam de suas terras em busca da vida que o litoral poderia lhes dar, pois já era possível presenciar mortes e suicídios no sertão piauiense (VILLA, 2000).

Após a seca de 1915, o Nordeste amargou com a seca de 1919-1921 quando foi criada a Caixa Especial de Obras de Irrigação de Terras Cultiváveis do Nordeste Brasileiro para tentar ajudar os nordestinos, mas não foi uma contribuição de fato efetiva. Em seguida tivemos mais duas grandes secas registradas, a de 1932 e a calamidade de 1951-1953 que por consequência e por uma necessidade de resposta aos problemas foram criados o Banco do Nordeste e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (VILLA, 2000).

Ainda registramos mais três grandes secas que assolaram o Nordeste e, especialmente, o sertão nordestino. A seca de 1970, durante o governo Médici, onde houve criação de frentes de emergência. Em 1979-1984 que atingiu toda a região e causou diversos estragos com a morte de 3,5 milhões de pessoas, sendo a maior parte crianças por fome e desnutrição. E a seca de 1988, que mesmo sendo prevista por conta do fenômeno do El Niño ocorreu com os mesmos problemas, nada sendo feito para amenizar as catástrofes com cerca de 5 milhões de pessoas afetadas (SILVA et al, 2013)

Portanto, a prática de migração do sertanejo nordestino não ocorria de forma espontânea, mas por necessidade de sobrevivência. As secas castigavam, os governantes não ajudavam e essa era a solução para manterem-se vivos.

## 1.2 Migrações Sertanejas: Rumo as Capitais dos Estados Brasileiros

No século XX, tanto Jackson do Pandeiro quanto seus autores, além de vivenciarem as secas, também puderam presenciar as migrações dos nordestinos para a região Sudeste do país. Podemos observar isso em algumas músicas, como em *Meu Enxoval*:

#### **Meu Enxoval<sup>5</sup>**

Eu fui para São Paulo procurar trabalho  
E não me dei com o frio  
Tive que voltar outra vez para o Rio  
Pois aqui no Distrito Federá  
O calor é de lascar  
E veja o meu azar:  
Comprei o "Jornal do Brasil"  
Emprego tinha mais de mil  
E eu não arranjei um só...

Telegrafei para a vovó  
Ela tem uma bodega em Recife, Pernambuco  
Eu disse pra ela que estou quase maluco  
E que não tenho nem onde morar, o quê que há?

Estou dormindo ao relento, valei-me nossa Senhora!  
O meu travesseiro é um "Diário da Noite"  
E o resto do corpo fica na "Última Hora".

Mas se eu voltar, aquela turma lá do Norte me arrasa  
Principalmente o povo lá de casa  
Que vai perguntar por que é que eu fui embora.  
Por isso eu vou ficando  
Dormindo aqui na porta do Municipal  
Com quatro mil-réis eu compro o enxoval:  
"Diário da Noite" e a "Última Hora".  
(Gordurinha e José Gomes, 1958)

Na música, de forma bem-humorada, Jackson do Pandeiro canta sobre três espaços que foram marcantes da prática migratória dos nordestinos: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Nos versos, podemos ver além da migração, os problemas para conseguir empregos: “Eu fui para São Paulo procurar trabalho / E não me dei com o frio/ Tive que voltar outra vez para o Rio/ Pois

---

<sup>5</sup>PANDEIRO, Jackson. *Meu Enxoval*. Rio de Janeiro: Copacabana, 1958. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jackson-do-pandeiro/608431/>. Acesso em: 28 de Junho de 2018.

aqui no Distrito Federá/ O calor é de lascar/ E veja o meu azar:/ Comprei o "Jornal do Brasil"/ Emprego tinha mais de mil/ E eu não arranjei um só...”.

A partir da década de 1930 o número de migrantes nordestinos para a cidade de São Paulo cresce a tal ponto, que ultrapassa a quantidade de migrantes estrangeiros. Contudo, no segundo governo Vargas na década de 1950, a migração se torna ainda mais intensa, superando todos as outras fugas das secas, sendo a maior migração do país. Neste período, São Paulo parecia ser uma boa alternativa para obtenção de emprego e qualidade de vida, já que estava vivendo um grande processo de desenvolvimento econômico-industrial e tinha os recursos do acúmulo de capital do setor cafeeiro do século XIX.

Com o declínio do ciclo da borracha no Amazonas, timidamente e em poucos números os nordestinos iniciaram seu êxodo para a agricultura de São Paulo para trabalhar em fazendas de café e conseqüentemente substituir os imigrantes estrangeiros como mão-de-obra. Na década de 30 esse número aumentou, principalmente com a diminuição de imigrantes no país e em 50 cresce absurdamente como relata Ferrari (2005):

[...] nos anos de 1951,1952 e 1953, período que compreende o segundo governo Vargas e no qual ocorreu uma grande seca, os números de migrantes nordestinos que passaram pela Hospedaria de Imigrantes em São Paulo foram os maiores em relação aos outros anos da década de 1950, ou seja, 159.928 em 1951, 204.214 em 1952, e 87.789 em 1953. (FERRARI, 2005, p.78)

Outro detalhe importante a ser mencionado, é que diferente do início do êxodo em que se pretendia procurar emprego na agricultura paulista e especialmente na cafeeira, a partir de 1950, a migração procura as áreas urbanas e conseqüentemente trabalhos na cidade que contavam com a industrialização e urbanização. Segundo Durham (1984), para além da mão de obra voltada ao café, ao algodão e a laranja a busca por empregos urbanos rotativos aumentou sobretudo na construção civil e no emprego doméstico. Assim “De uma forma geral, 54,74% se encontrava no setor urbano de São Paulo, o que equivale à 472.280 nordestinos” Ferrari (2005, p.84).

Em suma, as oportunidades econômicas, a industrialização e o desenvolvimento econômico foram os fatores preponderantes na migração para São Paulo. Conquanto, os nordestinos saíam de suas terras e, de acordo com Ferrari (2005):

[...] os migrantes nordestinos enfrentavam uma longa e difícil viagem, sem nenhum apoio oficial, em navios, trens ou caminhões [...] os migrantes iam de

trem, caminhão ou até mesmo a pé para Monte Azul (divisa da Bahia com Minas Gerais), onde compravam passagem de segunda classe para a Estação Roosevelt, em São Paulo por 94 cruzeiros [...] Da estação de Monte Azul partia diariamente para São Paulo um expresso com dois carro e um vagão, e de segunda e sexta-feira havia também um expresso noturno, os quais, durante o percurso, se locomoviam muito devagar e viajavam bastante lotados, levando por volta de 250 passageiros por dia. (FERRARI, 2005, p.102-103)

Muitos peregrinavam ou iam em cima de caminhões conhecidos como paus-de-arara, com escassez alimentar e de água e até mesmo sofrendo com problemas emocionais. Buscando oportunidades, não tinha a pretensão de nada mais além do que emprego:

Inicialmente, portanto, o imigrante não tem nenhuma “escolha” na procura por ocupação. Premido pela necessidade, limitado pela ignorância do mercado de trabalho, aceita qualquer emprego e depende, em grande parte, das indicações dos membros do grupo primário do qual faz parte. (DURHAM, 1973, p. 159.)

Como Jackson do Pandeiro destaca em sua música, São Paulo não foi o único espaço em que os nordestinos buscaram esperança. O Rio de Janeiro também foi local marcado de grande migração. Entre os anos de 1960 e 1970 um grande número de nordestino, em especial, cearenses dirigiram-se para o Rio de Janeiro por concentrar indústrias e boas oportunidades de emprego. O Rio de Janeiro neste período atraiu 12,53% dos migrantes algo em torno de 43.233 mil pessoas e entre 1970-80, 13,13%, ou seja, 61.042 mil nordestinos (QUEIROZ; BAENINGER, 2014).

Assim, o Rio de Janeiro se configura como o segundo local mais procurado pelos nordestinos da época que fugiam da seca e procuravam trabalho. Inclusive algumas referências da música do Jackson do Pandeiro faz ilustração aos migrantes sem trabalho que estariam no Rio: “dormindo ao relento, valei-me nossa Senhora!/ O meu travesseiro é um "Diário da Noite"/ E o resto do corpo fica na "Última Hora".” A *Última Hora* e o *Diário da Noite* eram jornais que circulavam no Rio de Janeiro, apesar de também terem edições em outras cidades.

Em *Meu Enxoval* também temos referência ao Distrito Federal e conseqüentemente a Brasília. Inaugurada em 21 de abril de 1960, Brasília realoca o povoamento e a infraestrutura do país para o centro. Na época a ideia era que nos anos 2000, Brasília estivesse com um número estimado de 600 mil habitantes, contudo a grande migração principalmente por busca de

emprego na construção da capital e, especialmente realizada por nordestinos, aumentou em grande parte esta estimativa, sendo cerca de 2 milhões e meio em 2007.

Por meio da construção civil e da oferta de emprego, o espaço se tornou um polo migratório onde além de nordestinos, via-se mineiros e goianos, disputando vagas de trabalho. A jornada do Nordeste para Brasília era longa. Estima-se que partindo do Ceará levar-se-ia em torno de 10 dias. Contudo, as condições de trabalho no local também não cooperavam. Tinha-se muito trabalho, para um período curto de prazo e com muitos acidentes acontecendo. O espaço era seco e quente durante todo o dia e frio durante a noite.

Béu (2006) apresenta uma pequena narrativa da viagem do Nordeste até Brasília:

Nono dia de viagem e de muito infortúnio. O sofrimento não tinha idade. As crianças, porém, eram as principais vítimas. Aninha, coitada, desde Salgueiro, padecia de uma intermitente diarreia. Os chás não seguravam os intestinos nem os comprimidos de beira de estrada aliviavam a sua dor. O velho motor de noventa cavalos roncava incansavelmente, dando a todos uma demonstração de força e paciência. Já havia andando bem mais da metade do caminho. Quem sabe, a qualquer dia ou qualquer hora, ao virarem uma curva ao final de uma grande reta, deparariam com a terra prometida há muito tempo indicada pela luz do profeta. (BÉU, 2006, p. 22)

Conquanto, apesar de todo o caminho percorrido e de todo o sofrimento, apesar da luta para adentrar esses locais que lhes traziam esperança e o sonho de uma vida melhor, nem sempre isso ocorria. Os retirantes mesmo nesses grandes centros, muitas vezes amargavam sem emprego, moradia e alimento. Os espaços não eram garantia de sucesso. E Jackson do Pandeiro também sintetiza essa dor em sua música: “Mas se eu voltar, aquela turma lá do Norte me arrasa/ Principalmente o povo lá de casa/ Que vai perguntar por que é que eu fui embora./ Por isso eu vou ficando/ Dormindo aqui na porta do Municipal”.

E na luta diária para angariar o sustento, o nordestino que pratica a migração, sente naturalmente saudades do Nordeste e tem em si muitas vezes a vontade de voltar. Contudo, nem sempre é possível, por diversos motivos: a falta de chuva no sertão, a falta do dinheiro para voltar, a vergonha de retornar da mesma maneira que migrou. Mas a saudade e a esperança de retornar a terrinha não deixam de existir. Em *Carta Para o Norte*, observamos isso:

### **Carta Para o Norte<sup>6</sup>**

Escrevi uma carta para o Norte,  
Dizendo que breve eu chego lá,  
Escrevi pra meu pai dizendo assim,  
Que estou bem de saúde e trabalhando,  
Com Rita de Tota estou morando,  
Num barraco de zinco no Irajá,  
Quando for esta carta arrespostá,  
Mande fazer entrega a Dona Inês,  
Lá na rua do Sol, quarenta e três,  
No subúrbio de Jacarepaguá...

Escrevi uma carta para o Norte,  
Dizendo que breve eu chego lá,  
Dê lembrança a Major Antonio Francisco,  
E me lembre os meninos outra vez,  
Diga a todos que na festa de Reis,  
Vai ter baile lá em Macaparana,  
Diga a Zefa que apronte Mariana,  
Corra os banhos e prepare os documentos,  
E adeus, até lá, no casamento,  
Abençoe o seu filho João Caiana....

**(Rosil Cavalcanti, 1961)**

A saudade é denunciada em uma carta escrita para o Norte, demonstrando a vontade de voltar para o local de onde saiu e citando diversas pessoas, além do pai e da mãe, que provavelmente estiveram em seu convívio diário e que agora estão presentes apenas nas memórias vividas: “Escrevi uma carta para o Norte,/ Dizendo que breve eu chego lá,/ Dê lembrança a Major Antonio Francisco,/ E me lembre os meninos outra vez,/ Diga a todos que na festa de Reis,/ Vai ter baile lá em Macaparana,/ Diga a Zefa que apronte Mariana,/ Corra os banhos e prepare os documentos,/ E adeus, até lá, no casamento,/ Abençoe o seu filho João Caiana....”.

A saudade do Nordeste pode ser encontrada em diversas músicas de cantores populares nordestinos, e esse apego as suas raízes, cultura e ao seu povo é bastante comum, sendo diversas vezes evidenciada. De acordo com Lobo (2014):

Mesmo com a vida se desenvolvendo em um centro urbano em desenvolvimento [...] os migrantes cultivavam hábitos típicos do interior do

---

<sup>6</sup>PANDEIRO, Jackson. Carta para o Norte. Rio de Janeiro: Philips, 1961. Disponível em: <https://www.letras.com.br/jackson-do-pandeiro/carta-para-o-norte>. Acesso em: 28 de Junho de 2018.

Estado; esses hábitos conservados é o que levava esses sertanejos a se referirem constantemente as suas terras, com tanta melancolia e saudade. Na cidade se desenvolveram, subespaços rurais. Os hábitos como criar animais, manter uma pequena horta em casa, acordar cedo, praticar a vaquejada são hábitos comuns entre esses migrantes oriundos do sertão. Essas “raízes” permaneciam muito fortes neste povo [...] (LOBO, 2014, p.6)

Além das referências a algumas festas como a festas de Reis e algum baile que ocorria em Macaparana, cidade do Estado de Pernambuco, é interessante perceber que este nordestino conseguiu emprego: “Escrevi uma carta para o Norte,/ Dizendo que breve eu chego lá,/ Escrevi pra meu pai dizendo assim,/Que estou bem de saúde e trabalhando,”. Como relatado, nem todos conseguiam tal feito, mas alguns serviriam de mão-de-obra principalmente no cenário paulista e carioca. Seja os baianos que substituíram os imigrantes no cultivo cafeeiro, seja os paraibanos e pernambucanos que trabalhavam nos bares, restaurantes, portarias, construções e faxinas, ou os sergipanos e alagoanos que conseguiram seus empregos nas indústrias e fábricas.

### 1.3 Migração de Retorno: A volta para o Nordeste

Todavia, quando os nordestinos se fixavam nestes grandes centros, independentemente de estarem empregados ou desempregados, quando a saudade apertava e muitas vezes as chuvas retornavam no Nordeste, o que acontecia? A prática de migração reversa! Tal prática pode ser encontrada em *O Retirante*:

#### O Retirante<sup>7</sup>

Vim do mato, cansado e com fome  
Retirante fugindo ao sertão  
Mas agora choveu lá pra riba  
E eu volto cantando e dançando baião (2x)

Ê, baião (baião)  
Baião (baião)

Quando eu vim, trouxe quatro menino  
Zé e Pedro, Mané e Antão  
Levo agora mais dois que nasceram  
E eu volto cantando e dançando baião (2x)

Ai, baião (baião)

<sup>7</sup> PANDEIRO, Jackson. *O Retirante*. São Paulo: Chantecler, 1975. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jackson-do-pandeiro/1906819/>. Acesso em: 28 de Junho de 2018.

### Baião (baião)

Deus permita que o inverno sustente  
Pra poder ter festejo e são João  
Quero milho, cachaça e canjica  
E o povo cantando e dançando baião (2x)  
(Ruy de Moraes e Silva, 1975)

Em *O Retirante* temos o panorama do Nordeste seco e do sertanejo que foge da seca por conta dos problemas enfrentados em sua terra: “Vim do mato, cansado e com fome/ Retirante fugindo ao sertão”. Entendemos que após fazer a migração, esse nordestino se estabelece neste novo espaço por alguns anos, seja no Sudeste ou na capital do seu Estado, e assim compreendemos, pois: “Quando eu vim, trouxe quatro menino/ Zé e Pedro, Mané e Antão/ Levo agora mais dois que nasceram”

Dessa maneira é entendível que este nordestino passou alguns anos neste novo local, onde gerou novos filhos e talvez tenha conseguido um emprego. Contudo, um fator muda a perspectiva cotidiana em que ele estava inserido: A chuva volta ao sertão! “Mas agora choveu lá pra riba” e com a chuva, a esperança de voltar a sua terra cresce no sertanejo. Muitos nordestinos que partiam para o Sul partiam esperando um dia voltar. Fazer um pé de meia, juntar um dinheirinho, e retornar. E para aqueles que dependiam da terra e agricultura, o estopim para a volta seria a chuva. A Esperança tinha retornado: “Deus permita que o inverno sustente/ Pra poder ter festejo e são João/ Quero milho, cachaça e canjica/ E o povo cantando e dançando baião”.

A migração de retorno também pode ser vista na música *A Volta da Asa Branca* de Luiz Gonzaga e é prática também muito comum da região. Pode-se observar ao longo das décadas que o fluxo de migrantes retornando ao seu local de origem está mais intenso.

De acordo com Baptista, Campos e Rigotti (2002):

[...] a década de 80 representou para a história migratória brasileira um momento de importantes transformações, em particular no que se refere às tendências históricas de redistribuição espacial da população. Assim, paralelamente à redução drástica de certos fluxos migratórios para o Sudeste ou para as áreas de fronteira, pôde-se identificar a intensificação de movimentos de retorno, processos que configuram a nova realidade do desenvolvimento socio-econômico do país, em particular, no tocante às possibilidades de inserção dos migrantes em seus principais centros urbanos. A migração de retorno é, sem

dúvida, um dos principais fenômenos ocorridos dentro dos fluxos migratórios brasileiros nos últimos decênios. Regiões tradicionalmente fornecedoras de mão-de-obra, como Minas Gerais e o Nordeste, apresentam uma tendência de recuperação de sua população de emigrantes. (BAPTISTA;CAMPOS;RIGOTTI, 2002, p.3)

Os motivos para essa migração de retorno para o Nordeste, além da própria saudade e da chuva sobre a terra, seriam o processo de desconcentração econômico, a política de incentivo ao investimento industrial na região e o excesso de violência nos grandes centros urbanos. O acompanhamento da família, a questão de moradia e o trabalho também são fatores preponderantes para a prática de migração de retorno.

Assim, temos essa prática de migração de retorno, muitas vezes realizada com alegria, justamente por voltar para sua terra, sua cultura e seu povo: “E eu volto cantando e dançando baião”. Contudo, temos casos de nordestinos que conseguiram o que tanto almejavam, uma condição de vida melhor e um emprego que possa lhe proporcionar uma qualidade de vida. Quando isso ocorria, o inverso também acontecia. Era necessário trazer os familiares que ficaram no Nordeste para que eles também pudessem usufruir desse novo modelo de vida. Observamos isso em *Vou Buscar Maria*:

#### **Vou Buscar Maria<sup>8</sup>**

Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser  
Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher

Já faz quatro anos que cheguei do Norte  
Tive muita sorte no Rio de Janeiro  
Bastante dinheiro já tenho guardado  
Enfrento o pesado de noite e de dia  
Só está me faltando é minha Maria

Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser  
Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher (2x)

Não é brincadeira viver tão sozinho,  
Sem ter um carinho de rabo de saia  
Quando vou à praia fico me mordendo,  
As "muié" correndo fazendo arrelia  
Só está me faltando é minha Maria

<sup>8</sup>PANDEIRO, Jackson. *Vou Buscar Maria*. São Paulo: Columbia, 1959. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jackson-do-pandeiro/1853855/>. Acesso em: 28 de Junho de 2018.

Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser  
Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher (2x)

Quando aqui chegar, temos que morar em Copacabana no segundo andar  
Tomar banho de mar, todo dia eu vou,  
Ela de maiô, feito de cetim  
E mulher nenhuma zomba mais de mim

Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser  
Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher (2x)

Não é brincadeira viver tão sozinho,  
Sem ter um carinho de rabo de saia  
Quando vou à praia fico me mordendo,  
As "muié" correndo fazendo arrelia  
Só está me faltando é minha Maria

Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser  
Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher (2x)  
**(Jackson do Pandeiro e Severino Ramos, 1959)**

Não são todos os nordestinos que conseguiam fazer das suas esperanças realidade, contudo alguns conseguiram se fazer com um bom rendimento econômico. No caso citado na música de Jackson do Pandeiro, observamos um desses nordestinos que conseguiram vencer em meios às dificuldades: “Já faz quatro anos que cheguei do Norte/ Tive muita sorte no Rio de Janeiro/ Bastante dinheiro já tenho guardado/ Enfrento o pesado de noite e de dia/ Só está me faltando é minha Maria”.

Mas um problema que era natural para aqueles que praticavam a migração seria a saudade da família. Nem todos viajavam com a família, muitas vezes deixando esposa e filhos para conseguir algo, retornando ou enviando dinheiro para eles em seguida. A saudade de pessoas próximas também pode ser encontrada na música, na figura da esposa Maria: “Não é brincadeira viver tão sozinho,/ Sem ter um carinho de rabo de saia/ Quando vou à praia fico me mordendo,/ As "muié" correndo fazendo arrelia/ Só está me faltando é minha Maria”.

Assim, como já dito na migração de retorno, um dos fatores para a prática migratória seria o acompanhamento da família. No caso da música, vemos que o esposo voltará ao Norte, não apenas para visitar a sua mãe e conseqüentemente sua família, mas para buscar sua esposa

Maria e fazer dela uma migrante no Rio de Janeiro: “Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser/ Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher”.

Portanto, quando os migrantes conseguiam sustento e um rendimento que lhes proporcionasse uma boa qualidade de vida, mais do que guardar, ou apenas enviar dinheiro para suas famílias no sertão, também tínhamos a condição de fazer com que a família lhes acompanhasse por meio da prática migratória, indo buscar ou enviar dinheiro para que eles pudessem se encontrar.

### Considerações Finais

As práticas migratórias ocorrem por diversos motivos, mas no caso dos nordestinos a fuga da seca e a busca por melhores condições de vida foram motivos preponderantes para saírem de suas terras e buscarem a sorte em outros lugares. Temos que lembrar que essa maior parte de migrantes eram de pessoas que viviam no interior dos seus estados no Nordeste, e que as migrações não ocorriam apenas para o Sudeste, podendo os migrantes irem até mesmo para a capital do seu estado, onde eles poderiam galgar novas oportunidades de emprego.

Não era uma prática que ocorria sempre por vontade, mas muitas vezes por necessidade. E mesmo se passando diversas décadas, ainda podemos perceber muitos migrantes ou parentes em grandes centros, seja do próprio Nordeste, seja em outras regiões do país. É natural observar nos grandes centros descendentes de nordestinos que foram tentar a sorte em outros locais. Por isso encontramos espaços na cidade de São Paulo, por exemplo, como o Centro de Tradições Nordestinas<sup>9</sup> (CTN) que ao seu modo tenta representar as práticas culturais do Nordeste e bairros com uma grande quantidade de nordestinos, seja migrantes ou seus descendentes como o Jardim Ângela e o Grajaú no extremo sul da cidade e na zona noroeste na Vila Brasilândia.

As músicas de Jackson do Pandeiro representaram um pouco da luta cotidiano, da tristeza da partida e das idas e vindas entre regiões. Natural da Paraíba e alcançando sucesso em Pernambuco, Jackson do Pandeiro cantou sobre as migrações pois também foi um migrante,

---

<sup>9</sup> Recebendo em torno de 70 mil pessoas ao mês, o CTN abarca além de comidas encontradas na região Nordeste, apresentações artísticas e shows musicais com artistas nordestinos. Está localizado na rua Jacofer no Bairro do Limão em São Paulo.

tanto no Nordeste quanto no Rio de Janeiro, e provavelmente em parceria com seus compositores observou muitos desses problemas referentes a seca e as migrações necessárias.

A seca ainda perdura e maltrata os sertanejos. Mesmo sendo inevitável para a região, a ajuda do poder público contribuiria para que esses problemas não ocorressem com tanta demasia. Se atualmente tal contribuição não ocorre de forma efetiva, podemos compreender que historicamente isso efetivamente nunca ocorreu. Assim, a luta pela sobrevivência, por melhores condições de vida e por evitar ter que migrar para fugir das adversidades permanece.

## Referências

Discografia de Jackson do Pandeiro:

**Carta Para o Norte.** Rosil Cavalcanti. 6° LP – Ritmo... Melodia... e a Personalidade de Jackson do Pandeiro – 1961.

**Lá Vai A Boiada.** Manoel Pedro e Jackson do Pandeiro. 18° LP – A Braza do Norte – 1967.

**Meu Enxoval.** Gordurinha e José Gomes. 1° Coletânea – Forró do Jackson – 1958.

**O Retirante.** Ruy de Moraes e Silva. 24° LP – A Tuba da Muié – 1975.

**Retirante.** Nivaldo Lima e Manoel Pedro. 26° LP – É Sucesso Tropicana -1976.

**Vou Buscar Maria.** Jackson do Pandeiro e Severino Ramos. 4°LP – Jackson do Pandeiro – Columbia – 1959.

## Referências Bibliográficas

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Sertões e Sertanejos: uma geografia humana sofrida.** Dossiê Nordeste Seco. Estudos Avançados 13. USP, 1999.

ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira.** 12. Ed. José Olympio. Rio de Janeiro, 1972.

BAPTISTA, Emerson Augusto. CAMPOS, Jarvis. RIGOTTI, José Irineu Rangel. **Migração de Retorno no Brasil.** Mercator. Fortaleza, 2002.

BEÚ, Edson. **Expresso Brasília: a história contada pelos candangos.** LGE. Brasília, 2006.

CARVALHO, Alberto Rodrigues Câmara de. **Migrantes em Brasília: os motivos, as dores e os sonhos numa perspectiva clínica.** Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação.** Estudos Avançados. São Paulo, 1991.

DURHAM, E. R. **A Caminho da Cidade: A Vida Rural e a Migração para São Paulo.** Editora Perspectiva. São Paulo, 1973.

FERRARI, Monia de Melo. **A Migração Nordestina para São Paulo no Segundo Governo Vargas (1951-1954) – Seca e Desigualdade Regionais**. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2005.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria, 2003.

LOBO, Zenaide Andrade. **“Leito da Saudade”:** representações do campo no cotidiano dos migrantes cearenses e nas letras do forró eletrônico. XIV Encontro Estadual de História do Ceará. UECE. 2014.

MARTINS, J. S. **Não há terra para plantar nesse verão**. Vozes. Petrópolis, 1986.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina: e outros poemas para vozes**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1996.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de. JANUZZI, Paulo de Martino. **Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino**. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, 2005.

PAIVA, Odair da Cruz. **Caminhos Cruzados. Migração e Construção do Brasil Moderno (1930-1950)**. Edusc. Bauru, 2004.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Editora do Brasil. Rio de Janeiro, 1937.

QUEIROZ, Silvana Nunes de. BAENINGER, Rosana. **Migração de Retorno para o Ceará: Tendências dos anos 2000**. VI Encontro Economia do Ceará em Debate. IPECE. Fortaleza, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. José Olympio. Rio de Janeiro, 1953.

SINGER, Paul Israel. **Migrações Internas no Brasil: considerações teóricas sobre o seu estudo**. In: \_\_\_\_\_. Economia política da urbanização. São Paulo: Brasiliense, 1973.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. Editora Nacional. São Paulo, 1974.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e Morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX**. Editora Ática. São Paulo, 2000.

### Referências Eletrônicas

CEPED. **1583/2002: Histórico de Secas no Nordeste do Brasil**. Centro de Estudos e Pesquisa em Engenharia Civil. Agosto de 2015. Disponível em: <http://www.ceped.ufsc.br/historico-de-secas-no-nordeste-do-brasil/>. Acesso em: 28 de junho de 2018.

SILVA, Virgínia Mirtes de Alcânta et al. **O Desastre Seca no Nordeste Brasileiro**. *Polêmica*, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 284-293, junho de 2013. ISSN 1676-0727. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/6431/4857>. Acesso em: 28 junho de 2018.